

Anat - A deusa guerreira: A deidade como símbolo cultural de resistência e força do Panteão Ugarítico

Anat - The Warrior Goddess: The Deity as a Cultural Symbol of Resistance and Strength of the Ugaritic Pantheon

Resumo

A força da expressão das divindades não apenas serve para apresentação do divino aos fiéis, mas também demonstra a ameaça e a proteção que cada uma delas pode causar dentro do cosmo. A deusa Anat é uma figura importante na mitologia do Antigo Oriente Próximo, em particular do período cananeu, e é frequentemente associada à guerra e a violência. Além disso, a figura de Anat também pode ser vista como uma representação da dualidade humana, pois ela é ao mesmo tempo uma figura divina, feroz e violenta, mas também uma mãe protetora e amorosa. Sua relação com outras divindades do panteão, como Ba'al e Mot, mostra como as divindades do antigo Oriente Próximo estavam interconectadas e trabalhavam juntas para manter a ordem do universo. Nesse ensaio, vamos explorar, ainda que brevemente, alguns membros desse conjunto de deuses e o contexto ao qual ele nos é apresentado, com destaque para Anat, a deusa guerreira, com sua história e características e sua relação com outras divindades do Panteão Ugarítico.

Palavras Chave: Anat; Deusa Guerreira; Panteão Ugarítico; Bíblia Hebraica.

Abstract

The figure of speech of deities do not serve only to present the divine to the faithful, but also demonstrates the threat and protection that each deity can cause within the cosmos. The goddess Anat is an important figure in Ancient Near Eastern mythology, particularly from the Canaanite period, and is often associated with war and violence. In addition, the figure of Anat can also be seen as a representation of human duality, as she is at the same time a divine figure, fierce and violent, but also a protective and loving mother. His relationship with other deities in the pantheon, such as Ba'al and Mot, shows how ancient Near Eastern deities were interconnected and worked together to maintain order in the universe. In this essay, we are going to explore, albeit briefly, some members of this set of gods and the context to which they are

¹ Mestra em Ciências da Religião (UMESP), possui graduação em Teologia pela Faculdade de Teologia da Universidade Metodista de São Paulo (Fateo/UMESP). Atuante na área teológica com ênfase na teologia do Antigo Testamento – Linguagens da Religião, Membro do grupo de Pesquisa Arqueologia Bíblica (UMESP), Professora de História pelo Governo do Estado de São Paulo. Contato: marisa.furlan281@gmail.com

presented, and then focus this presentation on the deity Anat, the warrior goddess, with her history and worship, as well as her characteristics and his relationship with other deities of the Ugaritic Pantheon.

Keywords: Anat; Warrior Goddess; Ugaritic Pantheon; Hebrew Bible.

UGARIT (Ras Shamra) – Entendendo o contexto histórico

A etnografia dos assim denominados “cananeus”, enquanto povo, é bem mais complexa do que se costuma idealizar. Alguns pesquisadores como Cohn (Cohn, 2001) e Smith (Smith & Pitard, 2009) advertem que, disseminados pelos territórios que compreendem os atuais países de Israel, Jordânia, Líbano, e Síria, havia uma mistura de povos semíticos, aos quais se agregou o rótulo de “cananeus”, ou “civilização cananéia”. Esses povos ocupavam a região mais extensa que corresponde aos atuais Israel e Líbano.

Na cidade-Estado de Ugarit ou Ras Shamra, em uma ruína, além de um túmulo real, e vários palácios com diferentes artefatos da cidade de Ugarit, foi descoberto um pequeno edifício que ficava entre os templos de duas divindades, Ba'al e Dagon, que possivelmente teriam sido adoradas naquele lugar. Também foram encontradas várias tabuletas pequenas de argila, escritas com caracteres cuneiformes ugaríticos. Esta descoberta abriu um novo caminho de conhecimento acerca deste povo cananeu possibilitando o acesso acerca de como viviam, como possivelmente se deu o seu desenrolar religioso e sua visão de cosmos, promovendo assim seu relacionamento com as divindades desse período (Stuckey, 2002).

O Mito de Anat

É importante ressaltar que, apesar de a mitologia muitas vezes estar associada a religiões antigas, ela deve ser entendida como um conjunto de narrativas e símbolos que refletem a visão de mundo de uma cultura em específico.

Outro aspecto relevante sobre a mitologia é a sua importância nas artes, como na literatura, na pintura, na escultura, no cinema e na música. Muitos artistas ao longo da história se inspiraram em figuras mitológicas para criar suas obras, o que demonstra o impacto que elas exercem na imaginação humana (Burkert, 2001; Eliade, 2010; Malinowski, 1988).

A importância de figuras mitológicas como Anat não se restringe apenas ao estudo acadêmico ou ao fascínio histórico. Mitos e lendas têm o poder de transmitir valores, crenças e ideias que são relevantes até hoje, e a figura de Anat carrega consigo uma mensagem poderosa de empoderamento feminino, coragem e proteção.

Além disso, o estudo da mitologia também pode ajudar a desenvolver uma compreensão mais ampla sobre as culturas e sociedades do passado e a va-

lorizar a riqueza e diversidade do patrimônio cultural humano. Anat e as outras figuras mitológicas do antigo Oriente Próximo podem nos ajudar a entender melhor a vida e os valores das pessoas que viveram há milhares de anos, e nos conectar com essas histórias de uma maneira significativa e enriquecedora.

Por fim, o estudo da mitologia também pode ajudar a desenvolver habilidades analíticas e críticas, pois muitas vezes requer a interpretação, a comparação e a contextualização de diferentes fontes históricas. Além disso, a mitologia pode ser uma excelente ferramenta para o desenvolvimento da criatividade e da imaginação, pois nos desafia a visualizar e a representar símbolos e conceitos abstratos.

Características de Anat

Anat era conhecida por suas habilidades guerreiras, reputação cruel e violência extrema. Ela era frequentemente descrita como uma caçadora impiedosa, uma assassina imparável e uma guerreira inigualável. No entanto, algumas fontes (Porath, 2015; Ringgren, 1979; Schmidt, 2004) também a descrevem como uma mãe amorosa, uma protetora devota e uma divindade benevolente.

Possivelmente (Butler, 2009) Anat não foi uma deidade popular apenas entre os cananitas, mas ela se tornou muito popular no antigo Egito, principalmente durante o período conhecido como “Reino Médio”, isto é, durante o governo da décima primeira dinastia egípcia, mais especificamente na região delta norte, durante o segundo período intermediário (dos Hyksos) (Säve-Söderbergh, 1951; Redford, 1979). Sua adoração sugere que houve uma lenta migração de pessoas do levante por algum tempo para esta região antes da invasão dos Hyksos.

A cultura dos Hyksos, posteriormente, será duramente combatida pelos faraós do Novo Reino². Entretanto Anat não será rejeitada ou abandonada mesmo após a expulsão dos Hyksos do Egito. Em seguida, Ramesses II adotou Anat como a sua própria guardiã pessoal (Stuckey, 2002, pp. 28-57) de batalha e expandiu o santuário para Anat quando ele se empreendeu em restaurar Tanis. Ele também teria dado o nome ‘Anat em vigor’ para o seu cachorro e nomeado a sua própria filha de *Bint-Anat* (Filha de Anat), casando-se com ela posteriormente (Cornelius, 2008).

No Egito Anat era considerada como filha de *Ra* e esposa de *Seth*³ junto com sua irmã *Astarte*⁴. Em Memphis, pensava-se que ela era filha de *Ptah*, e para os trabalhadores hebreus da décima oitava dinastia, Anat era considerada como esposa de *Adjety* (deus de animais domésticos), que era associado com

² Entre eles estava Ramsés I, Amósis I, Tutmés III, Amenófis IV, Tutancâmon e Ramsés II.

³ deus egípcio que é associado a Ba'al

⁴ Astarte – uma divindade de origem semítica, sua influência se manteve presente na cultura mitológica, ritualística e imagética. Sua cultura se manteve significativamente por todo o Mediterrâneo Ocidental. Para mais informação sobre essa deidade veja (Martínez, 2023).

Osiris (irmão de *Seth*, Órus, *Isis* e *Nephtys*). Na cidade de Memphis ela chegou a ser adorada juntamente aos deuses e deusas principais ainda que possuísse os seus próprios templos nas cidades de Tanis (capital Hicsa), Beth-Shan (Palestina) e no Templo de YHWH entre os judeus que habitavam em Elefantina (Walls, 1991).

Essa deidade era frequentemente representada segurando uma lança com um escudo, com um machado de batalha ou cetro, também sentada em um trono com um animal selvagem ao seu lado⁵. Ela era reconhecida por seu cabelo escuro encaracolado, olhos escuros e pele bronzeada e repetidamente recebia uma coroa emplumada, assemelhado a uma coroa branca. Essas representações fornecem uma imagem clara da deusa como uma figura linda e implacável ao mesmo tempo.

Anat na família divina Ugarítica

O cabeça de estado em Ugarit era o rei, legitimado por divindades, que segundo Moura (Moura, 2012) era formado por várias deidades com as suas categorias divinas e cada divindade era responsável pela forma como o universo e o espaço-tempo eram vistos, formando assim, a religião ugarítica. Portanto, cada divindade corresponde a um reino cósmico e espacial do universo. Ao que tudo indica esse panteão segue um nível hierárquico de família divina, que pode ser exemplificado da seguinte forma:

Nível 1: O deus ancião El e a sua consorte Asherah (Furlan e Martinez, 2022 y 2023);

Nível 2: Os filhos⁶ divinos: Athtart e Athtar (noite e a estrela da manhã); Shapsu (sol); Yari (lua); Shahah (aurora); Shalim (crepúsculo); Resheph (marte?); Ba'al (deus da tempestade); Yam (deus do mar); Mot (deus da morte); Anat (deusa guerreira);

Nível 3: Kothar –Wa-Hasis (deus artesão);

Nível 4: Trabalhadores divinos: mensageiros, porteiros e servos.

Nesse panteão de deuses e deusas com as suas histórias e lendas, uma das divindades de maior importância em Ugarit é Anat. Ela é a irmã de Ba'al e filha de El (KTU⁷1.3 V, 26-28). Sua autoridade e violência chamam a atenção do chefe do panteão (KTU 1.3 V, 19-25), ela também é descrita como aquela que tem o poder enganador e furioso no panteão. Portanto, a chave (Smith e Pitard, 2009,

⁵ Foi encontrada na Síria uma estatueta de bronze, supostamente de Anat, usando uma coroa e como braço estendido segurando um machado ou uma clava, datada entre 1400–1200 AEC.

⁶ Os termos “pai”, “mãe”, “irmão” e “filho” não tem o significado literal de parentesco consanguíneo entre os envolvidos. São termos de respeito. O rei é designado “pai” e a rainha, “mãe” (Cunchillos, 1999).

⁷ KTU é a sigla para Keilalphabetischen Texte aus Ugarit, classificação alemã de uma série de textos ugaríticos classificados como literários, religiosos, épicos e ritualísticos em forma de poemas narrativos. Durante, as citações dos textos ugaríticos serão feitas a partir da tradução de Lete (Lete, 1981).

pp. 48-49) para entender a notabilidade e reputação de Anat seria compreender o amor pelo seu irmão, Ba'al⁸. Para isso apresentaremos a seguir alguns mitos nos quais Anat está presente⁹.

Anat derrota Mot, o deus da morte

No ciclo de Ba'al, após Ba'al derrotar Yam, deus das forças caóticas do mar, ele tem que enfrentar o deus Mot, deus da morte e da infertilidade. Mot, porém é chamado de “amado de El” e de “herói” (KTU 1.4 VII, 46-47), demonstrando um relacionamento especial com El. Para o cosmos voltar a ser seguro e fértil, Ba'al deveria derrotar Mot (deus da esterilidade e da morte) assim como fez com Yam (deus das forças do mar). Todavia, Mot mata Ba'al e El lamenta o acontecido e um rito pela morte de Ba'al tem início em KTU 1.5 VI, 11-25. Após a vitória do deus da morte sobre Ba'al, Anat, a deusa guerreira começa a buscar pelo seu irmão (KTU 1.5 VI, 26-31). Ela mesma sepultou Ba'al e ofereceu um sacrifício por ele no Monte Safon, ao lado de Sapsu (KTU 1.6 I, 11-31), ela confirma à El a morte de Ba'al (KTU 1.6 I, 32-43). A natureza e o cosmos precisam de uma nova liderança no lugar de Ba'al, sendo assim, El e Asherah escolhem Attar para substituir Ba'al, mas este é totalmente incapaz de assumir tal posição (KTU 1.6 I, 53-65). A narrativa sobre o final dessa lenda descreve como Anat companheira de guerra de Ba'al, agarra Mot, exigindo dele o retorno de seu irmão do submundo cósmico (KTU 1.6 II, 9-12). Mot, nega atender tal pedido e ainda conta como derrotou o deus da tempestade (KTU 1.6 II, 13-23). Anat, enfurecida o ataca e o mata (KTU 1.6 II, 26-37):

Um dia e mais se passaram,

Os dias se fizeram meses;

Anat, a donzela, procurou por ele.

Como o coração da vaca por seu bezerro, Como o coração da ovelha por seu cordeiro, assim batia o coração de Anat por Ba'al.

Pegou o divino Mot,

Com uma espada o perfurou, com uma peneira o espalhou, no fogo o queimou

Com pedras de moinho o triturou, no campo o semeou.

Sua carne a comeram, sim, os pássaros,

Seus pedaços devoraram as aves, Carne em carne foi convidado.

Com a derrota de Mot, Ba'al revive e triunfa sobre a força da morte e do caos. Interessante como Anat é descrita neste KTU como uma donzela, alguém

⁸ Houve um tempo em que Ba'al também foi identificado como Hadad, o deus do clima mesopotâmico, porém a partir do primeiro milênio são apresentados como deidades distintas: Hadad, arameu e Baal, fenício.

⁹ Para uma completa apreciação dos textos em ugarítico, sua transliteração, tradução e comentários, sugerimos a leitura de (Schniedewind, 2007); Quanto aos problemas de continuidade narrativa (Smith, 1994).

cujo coração batia por seu amado. Embora as literaturas românticas descrevam donzelas como frágeis e dependentes de um resgate, o KTU descreve a força e a determinação da deusa em não apenas ter o seu irmão de volta, mas triunfar na batalha e aniquilar totalmente o seu adversário. Dentre as ações realizadas por Anat, todas elas estão relacionadas a uma força bruta e braçal, ela perfura, peneira, queima, tritura e semeia os restos de Mot.

Nisto percebemos que a personalidade da deusa Anat e suas ações, está intensamente entrelaçada e revela-se nos mitos, sempre mantendo a coerência de retratar uma deusa forte, decidida e poderosa, totalmente capaz de conquistar aquilo a que se dispõe obter.

Ba'al conquista o monte Safon com ajuda de Anat

Em meados da primeira parte do séc. XX foram encontrados vários tabletes com diversas inscrições e informações sobre a ascensão de Ba'al ao monte Safon¹⁰, que segundo a religião cananéia, era o local da morada de El, onde ocorre o concílio dos deuses. Segundo a mitologia, Ba'al conquista esse monte com a ajuda de sua irmã Anat, após derrotar Yam (deus do mar e da tempestade). Essa conquista faz com que Ba'al administre o cosmos do seu monte sagrado. Sendo assim, Anat destaca os grandes feitos de Ba'al (KTU 1,3 III – 32-46):

*Apenas Anat espiou os Deuses, seus pés tremeram,
Por detrás de seu lombo se dobrou, Por cima de seu rosto se pôs a suar,
As juntas de seus lombos convulsionaram, fracos eram os de suas costas.
Ela levantou a sua voz e declarou:
Por que Gapn e Ugar vem?
Que inimigo se levanta contra Ba'al,
O que faz contra o cavaleiro das nuvens?
Certamente eu derrubei Yamm, o amado de El, certamente acabei com o
Rio, o Grande Deus,
Certamente eu amarrei Tunnanu e destruí (?) ele. Eu derrubei a Serpente
Sinuosa,
A poderosa com sete cabeças.
Eu derrubei Desejo, amado de El, eu destruí rebelde, bezerro de El. Eu
derrubei Fogo, cachorro de El, eu aniquilei a Chama, filha de El, que eu
possa lutar pela prata, herdar o ouro.*

Neste trecho do KTU citado, vemos Anat com outra postura, revelando outro traço seu. No início Anat se encontra espiando os deuses, com pés tremendo, rosto suando, postura totalmente incomum principalmente para a deusa que sempre é temida por sua crueldade em batalha. Entretanto quando ela toma

¹⁰ Monte Safon tem cerca de 1700m de altura e está localizado na região síro-fenícia, junto ao mar, em Ugarit. Sobre esse tema Mendonça, 2012).

posição para se pronunciar acerca de Ba'al, seu amado, vemos que ela alça sua voz e, sem nenhum sinal de temor ou insegurança, começa a apresentar a longa lista de conquistas dele. Todas as suas vitórias são sobre seres que são queridos ou de alguma forma estão ligados ao seu próprio pai, El.

Anat cobiça o arco de Aqhat

A lenda de Kirta¹¹, narra a saga desse rei que, para conseguir a continuidade de sua dinastia, ora a El e pede que ele intervenha a seu favor e o ajude a encontrar uma mulher para ser a sua esposa. Kirta, ao encontrar Hurrayau, a descreve como uma deusa (KTU 1,14 III – 40-42):

A mais graciosa da linhagem de teu primogênito cuja graça é como a de Anat

Como a beleza de Asherah é sua.

Kirta se casa com Hurrayu, que dá à luz a sete filhos, os quais deverão se alimentar do leite de Asherah e mamar nos seios de Anat e, assim, se tornarem príncipes. A deusa temida em batalha é vista aos olhos dos poderosos, como graciosa, que até mesmos estes desejam que as suas parceiras se pareçam com ela: “*cuja graça é como a de Anat*”. Nos mitos encontramos esta graça de Anat sempre relacionada aos seus atos para com seu irmão Ba'al. Além disso, o desejo do rei para com seus filhos é que eles mamem nos seios da deusa, lembrando aos fiéis de Anat que ela ainda é uma mulher, que amamenta seus descendentes, ou seja, embora seja uma deusa guerreira ela também cumpre as funções de mulher do lar e reprodutora.

A grande dificuldade que circunda os tabletos encontrados é que estes foram poucos preservados, o que intrinca a narrativa de ser completamente traduzida. Sabemos que a lenda fala de um patriarca, Daniilu que não podia ter filhos e Ba'al intercede a El para que esse o abençoe e dê continuidade a sua dinastia. Não há menção nos textosugaríticos do nascimento de Aqhat, filho de Daniilu, porém Matos (Matos, 2020) entende que a benção de El para Daniilu se concretizou. A partir desse ponto, narra-se uma festa onde o rei artesão, Kothar, presentearia Aqhat, com um arco. É nessa festa que Anat vê o arco e o cobiça. Numa tentativa de tê-lo para si ela chega até mesmo a oferecer a imortalidade para Aqhat em troca de sua arma, entretanto Aqhat recusa a oferta da deusa. Insistentemente Anat faz várias outras ofertas a Aqhat que são rejeitas uma a uma. Ainda assim após tantos fracassos, Anat não se conforma com essa resposta negativa, e convence o seu subordinado Yatipan a matar Aqhat. Depois disso, não é possível identificar o final da narrativa, devido à deterioração dessa parte do tablete.

¹¹ Lê-se também Kirtu ou Keret. Para mais informações sobre a Lenda de Kirta (Schniedewind e Hunt, 2007).

A seguir, apresentamos um breve relato acerca de um rito da preparação de Anat para ir a uma batalha, e como ela se purificava após o combate¹².

Preparação para a batalha (KTU/CAT I 1.3 e 1.4 1.3 II -1 -4)

Henna pelas 7 meninas

Com aroma de almíscar e múrex¹³

Batalha e registro de sua alegria e exultação em lutar e matar KTU/CAT I 1.3 e 1.4 1.3 II -3 – 16)

Os portões da casa de Anat fechados, ela conheceu jovens ao pé da montanha. E veja! Anat luta no vale,

Batalhas entre as duas cidades! Ela lutou contra o povo da praia,

Atingiu a população do nascer do sol. Debaixo dela, como bolas, estavam cabeças, acima dela, como gafanhotos, mãos,

Como enxames, montes de mãos de guerreiros. Ela fixou as cabeças em suas costas,

Mãos presas em sua cintura.

Até os joelhos, ela coletou sangue de guerreiros, até o pescoço no sangue de soldados.

Com um golpe ela reuniu cativos, com sua corda de arco, o inimigo.

A deusa retorna à sua casa KTU/CAT I 1.3 e 1.4 1.3 II – 17 – 30)

E veja! Anat chegou a sua casa, A deusa se dirige ao seu palácio, Mas ela não estava satisfeita

Com sua luta no vale,

Com batalha entre as duas cidades.

Ela arranjou cadeiras para os soldados, organizou mesas para os anfitriões, Apoio para os pés para os heróis.

Ela lutou muito e olhou a sua volta, Anat batalhou, e ela sobreviveu.

Suas entranhas se encheram de riso, seu coração ficou cheio de alegria, as entranhas de Anat com a vitória.

Até o joelho ela coletou sangue de guerreiro, até o pescoço no sangue de soldados,

Até ela estava saciada com lutas em casa,

Com batalhas entre as duas mesas.

¹² Essas narrativas podem ser encontradas no KTU/CAT I 1.3 e 1.4 1.3 II -1-41 (Smith e Pitard, 2009; Sivan, 2001).

¹³ Múrex provém de uma concha que contém os caracóis roxos que produzem o múrex [...]. O múrex produz tons não só de roxo, mas também de azul profundo, vermelho e preto. O múrex era utilizado para fazer o corante conhecido como púrpura que segundo a mitologia, era usado por Anat (Smith e Pitard, 2009, pp. 72, 145).

Purificação de Anat e de seu palácio KTU/CAT I 1.3 e 1.4 1.3 II – 31-41):

Sangue de guerreiro foi limpo da casa, Óleo de paz foi derribado em uma tigela.

A jovem (adolescente) Anat lavou suas mãos, os parentes dos povos, seus dedos.

[Ela] lavou suas mãos do sangue dos guerreiros, seus dedos do sangue coagulado dos soldados. Pôs cadeiras próximo a cadeiras,

Mesas a mesas;

Apoio para os pés ela pôs a apoio para os pés. [Ela] tirou água e lavou-se

[Com o] orvalho do Céu, óleo da Terra, Aguaceiro de nuvens passageiras,

Orvalho que os céus despejaram sobre ela, Aguaceiro de estrelas derramaram sobre ela. Ela se embelezou com múrex,

[Cujo] extrato do mar [é de mil campos].

Compreendemos com as narrativas acima, como as batalhas eram importantes para a deusa, desde a sua preparação minuciosa. Ela não usa qualquer cor para ir a guerra, porque Anat tem a sua cor específica, assim como se descreve sobre o aroma que seria utilizado em sua preparação. Quando preparada, Anat segue seu caminho para o campo de batalha confiante e poderosa, enquanto o seu lar é fechado, aguardando a sua volta.

No campo de batalha, Anat não demonstra qualquer sentimento, não há tempo ou espaço para isso nas narrativas míticas, a deusa está muito ocupada coletando o sangue dos seus inimigos e despedaçando os soldados e ajudando os cativos. Após a batalha a deusa retorna para o seu lar, ainda não totalmente satisfeita com os resultados obtidos.

Ao chegar em sua casa ela prepara o seu palácio para receber anfitriões e heróis de batalha. O mito enfatiza que é ela que faz os preparos para a sua recepção (organização das mesas, cadeiras e apoio para os pés). Em determinado momento aponta-se para a reação de Anat frente ao seu grande feito. Se antes ela não estava totalmente satisfeita com a sua batalha, agora ela olha ao seu redor e se “dá conta” que sobreviveu e prevaleceu em mais uma batalha, então Anat ri, enche suas entranhas com a adrenalina da batalha, e fica cheia de alegria com a sua vitória.

Smith e Pitard ((2009, p. 72) demonstram em sua narrativa como a deusa se exulta em lutar e matar, “*Ela lutou violentamente, e olhou / Anat lutou, e viu: / a alma dela inchou com o riso, / seu coração se encheu de alegria, / a alma de Anat estava exuberante, / quando ela mergulhou até os joelhos no sangue dos soldados, / até suas coxas no sangue dos guerreiros...*”.

A deusa então segue para limpar a si própria do sangue da batalha que estava preso a ela. Notamos uma nova preparação meticulosa para este momento,

ela não usa qualquer produto para se limpar da batalha, há um ritual específico para esse momento. A água que ela se lava vem do orvalho do céu, o óleo da Terra, o aguaceiro das nuvens passageiras. Novamente ela se embeleza com o múrex.

Nesta narrativa é possível notar toda a destreza da deusa em batalhas, frente as suas próprias conquistas, assim como a feminilidade da deusa são ressaltados ao analisarmos os ritos de pré e pós-batalha. Embora as batalhas fossem atribuídas aos homens, notamos que Anat atua nelas com naturalidade e ainda assim ela não perde os seus traços femininos, ela fala em alta voz e todos a ouvem.

Anat requer de El a construção de um palácio para Ba'al

Como chefe do panteão ugarítico, El é reverenciado por todos os outros deuses como um deus ancião, pai dos deuses, criador das criaturas, misericordioso e imutável. Por esse motivo, Anat vai até ele requerendo a construção de um palácio para Ba'al, como filho de El, que é ratificado por Asherá que intercede a El em favor de Ba'al (KTU 1.4 IV 58 – V 11). Para que tal pedido seja atendido e Ba'al tenha o seu palácio construído, Anat chega até mesmo a ameaçar o seu próprio pai, conforme encontramos no CAT 1.3 V 1-12 e 17-44.

Segue o relato da alegria de Anat ao se encontrar com Ba'al e lhe dar as boas novas (CAT 1.4 V – 2 - 41)

E Asherá respondeu:

Tu és grande, O El, tão sábio;

O cabelo grisalho de sua barba assim o instrui, os macios (?) do seu peito.

Então agora que Ba'al torne suas chuvas abundantes, que ele torne a água muito abundante em aguaceiro, E que ele possa dar a sua voz às nuvens,

Que ele brilhe o relâmpago na terra.

Será uma casa de cedros que ele completará,

Ou uma casa de tijolos que ele construirá? De fato, se diga ao mais poderoso Ba'al:

'Chame uma caravana à sua casa, Mercadorias dentro do seu palácio.

Que as montanhas lhe tragam prata abundante, As colinas, o ouro mais selete.

Deixe o minério mais fino chegar até você. E construa a casa de prata e ouro,

A casa do mais puro lápis-lazúli.'"

A jovem (adolescente) Anat se regozijou; ela plantou (seu) pé, a terra tremeu.

*Então ela saiu
Para Ba'al nas alturas de Sapan,
Através de mil acres, uma miríade de hectares. A jovem (adolescente)
Anat riu, ela elevou sua voz e declarou:
"Receba as notícias, O Ba'al,
Boas notícias lhe trago!
'Deixe uma casa ser dada a você como seus irmãos', uma corte, como a
de seus parentes.
Chamem uma caravana a sua casa, Mercadorias dentro de seu palácio.
Que as montanhas lhe tragam prata abundante, As colinas, o ouro mais
seleto.
E construa a casa de prata e ouro, A casa do mais puro lápis-lazúli.'"
O mais poderoso Ba'al se regozijou;
Ele chamou uma caravana para sua casa, Mercadorias dentro de seu
palácio.
As montanhas lhe trouxeram prata abundante, As colinas, o ouro mais
seleto;
O melhor minério foi trazido para ele. Ele mandou para Kothar wa-Ha-
sis.*

De guerreira à mensageira, Anat assume o papel de serva para que possa levar e compartilhar as boas novas ao seu amado irmão Ba'al. Assim sendo, podemos ver o favorecimento da deusa a seu irmão a ponto dela não se importar em ameaçar o chefe do panteão, El, seu próprio pai.

Anat e a Bíblia Hebraica

Podemos perceber que há poucas alusões encontradas na Bíblia Hebraica referente a guerreira e deusa, Anat. No livro do profeta Oséias (Os 12,7), havia uma certa polemica quanto a algumas divindades que estavam sendo adoradas naquele período. Esses deuses são apontados como aqueles que não podiam salvar, nem tampouco promover o direito e a justiça.

Conforme Jz 1, 27-36, houve cidades cananeias que não foram conquistadas pelos israelitas pois estavam situadas nas planícies de Aço, planície de Meguido, baía de Bete-Seam e algumas outras a oeste de Jerusalém – da Tribo de Naftali (Bete-Semes e Bete-Anate) (Donner, 1997, p. 141). Entretanto, podemos citar alguns textos que nos permitem conjecturar sobre Anat e algumas regiões como: bet-Anat – região de Neftali (Js 19,38; Jz 1,33); bet-Anot – região de Judá – (Js 15,59); e Anatot¹⁴ – região de Benjamim (Js 21,18, 1Rs 2,26, Jr 1,1). Esses nomes de localidades parecem possuir resquícios não apenas do culto a divindade, mas também indicar possíveis locais onde haveria templos

¹⁴ Sobre Anatot, ler (Furlan, 2021).

dedicados a deusa Anat, porém não há evidências arqueológicas que possam nos dar esse respaldo.

Outros olhares sobre Anat

Embora tenhamos dito até então sobre Anat fazer parte da categoria de deusas ligadas a fertilidade, há uma outra perspectiva da deusa que vale a pena ser mencionado como uma nova leitura (Day, 1991. pp. 181-190) desconectando Anat de ser correlacionada à fertilidade, como comumente se faz.

Entre eles, podemos citar o mito de Anat e Aqhat onde a crítica sobre a figura de Anat é nublada pela leitura de um encontro sexual entre Anat e Aqhat. Segundo Delbert Hillers há um encontro de Anat e Aqhat sobre o arco como uma cena de sedução. Para ele, o arco é um símbolo de masculinidade e que no nível simbólico quando Anat toma o arco de Aqhat significa que ela o castrou (Day, 1992, p. 182).

A associação de Anat com símbolos culturalmente masculinos e suas atividades precisam ser entendidos à luz de seu epíteto mais frequente e distinto “*bilt*”. Este epíteto “*bilt*” a identifica como uma adolescente, não uma mulher completa (como definido por sua cultura) porque ela não gerou filho. Como perpétuo, “*bilt*” identifica que não há um limite de gênero que possa impedi-la, então ela é “livre” para participar nesta busca culturalmente masculina de guerra e caça, outros textos que corroboram para esta figura de caçadora se encontram em KTU/CAT 1.22 I 11, onde os pássaros são a sua presa, e em KTU/CAT 1.114 22-23 ela deixa o banquete de El para ir caçar.

Outro texto que vale ser comentado é sobre a relação entre Ba'al e Anat é ilustrado pela narrativa de 1.10, “um tablete que relata a história em que Ba'al deixou sua casa, arco em mão, para caçar num lugar onde havia vários rebanhos (II 6-9). Anat sai para encontrar com ele, e quando ela chega na área de caça, Ba'al se prostra aos seus pés (II 10-18). Seguindo a referência a golpear os inimigos de Ba'al, Anat se vira, vê uma vaca, e circula ao seu redor (II 26-29). A linha seguinte contém a referência ao Kotharot (nascimento de divindades”, mas sua leitura é incerta. A Coluna 2 então se torna muito fragmentada para tradução coerente. Se KTU/CAT 1.11 é de fato parte da parte superior de KYU/CAT 1.10 coluna 3, portanto, podemos considerar a possibilidade de que Ba'al está acasalando com uma vaca (KTU/CAT 1.11 1-3; linha 3). No início da porção existente de KYU/CAT 1.10 III, sugere-se que vacas darão à luz para um rebanho para Anat (linhas 1-3) e a sua descendência nascida será amamentada (linhas 19-26). Sendo assim, Anat brinda Ba'al para celebrar a sua paternidade (linhas 33-36). Ba'al se regozija, e o texto termina” (Day, 1992, pp. 183-184).

Nesse caso, podemos conjecturar dois possibilidades para interpretação desse texto e em uma delas Anat seria uma das vacas acasaladas por Ba'al, ou mais precisamente, seu nome estaria convenientemente citado nessa lacuna.

Entretanto na coluna II, está claramente diferenciada das vacas que ela espia. Em KYU/CAT 1.5 V 18-22 relata que Ba'al acasalou com uma novilha [...] e que Anat encontra o corpo de Ba'al no campo onde o acasalamento aconteceu (KTU/CAT 1.5 VI 26-31). Entretanto na linha 5 é mencionado uma concepção e um nascimento que tanto pode ser atribuído a Anat como a uma vaca que teria sido nomeada como objeto de paixão sexual de Ba'al (alp, linha 3) trazendo a ideia do modelo de casamento sagrado.

Considerações Finais

A partir das análises realizadas no decorrer deste artigo, foi possível observar a importância da deusa Anat e como sua influência se estendeu para fora dos limites da região cananita, chegando até a região egípcia onde se instalou e permaneceu sendo venerada por gerações.

Podemos perceber como a mitologia também pode ser utilizada para compreender os valores e as crenças de uma cultura específica, ajudando a entender como essa cultura se relacionava com a natureza, com as divindades e com os seres humanos.

No caso de Anat, por exemplo, ela é vista como uma das deusas mais antigas da mitologia cananéia, povo que habitava a região da Palestina e do Líbano na antiguidade. Era conhecida como a deusa da guerra e da fertilidade, e muitas vezes era representada com lanças e escudos, simbolizando sua força militar. Portanto a análise da mitologia e a figura de Anat, pode nos ajudar a compreender melhor as culturas antigas, suas crenças e valores, além de nos ajudar a construir uma visão mais ampla e complexa da história da humanidade.

Além de cumprir seu papel divino, Anat serviu como um símbolo de fertilidade e conquistas, sem abandonar sua faceta destruidora que era uma ameaça contínua a vida, visto que ela poderia exterminá-la a qualquer momento, principalmente se o indivíduo em questão representasse qualquer ameaça ao seu amado irmão Ba'al.

A beleza e a vaidade de Anat não encobriam sua verdadeira natureza de uma jovem, muitas vezes referenciadas como ainda adolescente, temida e extremamente amorosa com o seu irmão.

Vimos claramente este zelo para com Ba'al quando ela agiu na batalha de Ba'al e Yam, quando derrotou Mot para que assim Ba'al revivesse.}

Em suma, a mitologia e as figuras mitológicas como Anat nos oferecem diversas possibilidades de exploração cultural, histórica, literária e criativa, além de sere uma fonte inesgotável de reflexão sobre a condição humana e o mundo ao nosso redor.

Assim, o estudo da mitologia e das figuras mitológicas como Anat pode ser uma forma de estabelecer conexões com as nossas raízes culturais e de apreciar a arte e a criatividade que elas inspiram. Seja por seu valor histórico, seus

temas atemporais ou sua capacidade de inspirar e empoderar as pessoas, as figuras mitológicas como Anat certamente têm muito a oferecer a quem quiser explorar o seu universo fascinante e enriquecedor.

Nos tempos modernos, Anat e outras deusas guerreiras têm ressurgido como símbolos de luta e resistência, servindo como inspiração para mulheres em todo o mundo. Além disso, a mitologia pode fornecer uma visão única e interessante sobre as sociedades e culturas que a criaram. Por meio das histórias que elas contam e das figuras que apresentam, podemos aprender sobre os valores, crenças e costumes das pessoas que as cultivavam, bem como sobre suas instituições políticas e religiosas.

Ainda há muito trabalho a ser feito para alcançar esses objetivos, mas a imagem de Anat como uma deusa guerreira e protetora pode ajudar a encorajar aqueles que se esforçam para tornar o mundo um lugar melhor.

Referencias

- BURKERT, Walter (2001). *A criação do sagrado: vestígios biológicos nas antigas religiões*. Tradução de Vitor Silva. Edições 70 – Lisboa – Portugal.
- COHN, Norman (2001), *Cosmos, caos e o mundo que virá: as origens das crenças no apocalipse*. SP: Companhia das Letras.
- CORNELIUS, Izak (2008). *The Many Faces of the Goddess: The Iconography of the Syro Palestinian Goddesses Anat, Astarte, Qedeshet, and Asherah c. 1500-1000 BCE*. 2d ed. Fribourg, Switzerland: Academic Press Fribourg/Paulusverlag Freiburg Schweiz Vandenhoeck & Ruprecht Göttingen.
- CUNCHILLOS, Jesús-Luiz. “The Correspondence of Ugaritic”. 1. The Ugarit Letters (Cap. VIII). In: WATSON, Wilfred G.E e WYATT, Nicolas (eds.) (1999). *Handbook of Ugaritic Studies*. Leiden: Brill, pp. 359-368.
- DAY, Peggy L. (1991). *Anat: Ugarit’s ‘mistress of animals’*. Chicago: Journal of Near Eastern Studies, Vol. 51, n. 3, jul. 1992, pp. 181-190.
- ELIADE, Mircea (2010). *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. 3ª edição. – São Paulo: Editora WMF, Martins Fontes.
- FURLAN, Marisa (2021). *Primeira Carta de Jeremias aos exilados: O desafio de viver sem Templo e construir o Shalom em terra estrangeira*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) — Faculdade de Humanidades e Direito, Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo. https://www.academia.edu/70218917/PRIMEIRA_CARTA_DE_JEREMIAS_AOS_EXILADOS_O_desafio_de_viver_sem_Templo_e_construir_o_Shalom_em_terra_estrangeira
- FURLAN e MARTINEZ (2022). *Asheráh – sua presença em Canaã na Bíblia Hebraica e apesar dela*. <https://www.academia.edu/89908694/>

- ASER%3%81_Su_presencia_en_Cana%3%AIn_seg%3% BAn_la_Biblia_hebraea_y_a_pesar_de_ella.
- FURLAN e MARTÍNEZ (2023). *Asheráh no Antigo Oriente Próximo: cultura material, identidade e enigma*. https://www.academia.edu/96421071/ASHER%3%81H_no_Antigo_Oriente_Pr%3%B3ximo_cult_ura_material_identidade_e_en%3%ADgma
- LETE, Gregorio Del Olmo (1981). *Mitos y Leyendas de Canaan Segun la Tradicion de Ugarit*. Madrid: Ediciones Cristiandad.
- MALINOVSKI, Bronislaw (1988). *Mitos de origem*. In: *Magia, ciência e Religião*. Lisboa: Edições 70.
- MARTÍNEZ, Aquiles Ernesto (2023). *Astarot/Astaret en Canaán y el Antiguo Cercano Oriente: la desconocida pero conocida identidad de una diosa*.
- MATOS, Sue'Hellen M. de (2020). *Os Inimigos de Anat e Baal: O Caos no ciclo de Baal e Anat e suas ressonâncias nos textos da Bíblia Hebraica*. Teocomunicação, Porto Alegre, v. 50, n. 2.
- MOURA, Rogério Lima de (2012). *O Concílio dos Deuses no Salmo 82 e na Literatura Ugarítica*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) — Faculdade de Humanidades e Direito, Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). São Bernardo do Campo.
- PORATH Renuat (2015). *Revista Encontros Teológicos* nº 3, ano 30.
- REDFORD, Donald B. “The Hyksos Invasion in History and Tradition”. *Orientalia*, vol. 39, no. 1, 1970, pp. 1–51. *JSTOR*, <http://www.jstor.org/stable/43074367>. Accessed 2 July 2023.
- RINGGREN, H. (1979), *Die Religionen des Alten Orients*. Gotinga.
- SALES DE, Élcio Valmiro (2012). *Monte Sião extremidade do Safon: Estudo da influência da mitologia cananéia na Teologia de Sião a partir da análise exegética do Salmo 48*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) — Faculdade de Humanidades e Direito, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.
- SÄVE-SÖDERBERGH, T. (1951). *O governo dos hicsos no Egito*. *O Jornal de Arqueologia Egípcia*, 37 (1), 53-71. <https://doi.org/10.1177/030751335103700111>
- SCHMIDT, W.H. (2004). *A fé do Antigo Testamento*, São Leopoldo: Est, Sínodal.
- SCHNIEDEWIND, William M. e HUNT, Joel H. (2007). *A primer on Ugaritic language, culture, and literature*. New York: Cambridge University Press.
- SIVAN, Daniel (2001). *A grammar of the Ugarit language*, Society Biblical Literature, Leiden.
- SMITH, Mark S. (1994), *The Ugarit Baal Cycle. Introduction with Text, Translation and Commentary of KTU 1.1-1.2*. Vol. I. Leiden: Brill.

- SMITH, Mark S. e PITARD, Wayne T. (2009), *The Ugaritic Baal Cycle: Introduction with Text, Translation and Commentary of KTU/CAT 1.3-1.4* (Vol. II). Supplements to Vetus Testamentum: Leiden/Boston.
- STUCKEY, Johanna H. (2002), *Great Goddesses of the Levant*. Journal for the Study of Egyptian Antiquities.
- WALLS, Neal H. (1991). *The Goddess Anat in Ugaritic Myth*. Society of Biblical Literature, SBL Dissertation Series 135, Society of Biblical Literature.

Marisa Martins Furlan
marisa.furlan281@gmail.com